

revista Eptic

v. 26, n. 1, jan.-abr., 2024
ISSN: 1518-2487

Comunicação em tempos de crise e o papel dos movimentos sociais e do pensamento crítico

La comunicación en tiempos de crisis y el papel de los movimientos sociales y el pensamiento crítico

Communication in times of crisis and the role of social movements and critical thinking

Helena Martins, pela equipe editorial



Creative Commons



Atribuição



Não comercial



Compartilha igual

<https://br.creativecommons.net/licencas/>

A nova edição da Revista EPTIC, que avança nas comemorações de seus 25 anos, intenciona aprofundar o diálogo com a fecunda tradição do pensamento crítico latino-americano e com a práxis militante que, desde há muitas décadas, destaca o papel dos partidos, movimentos sociais, sindicatos e ativismos também no âmbito da produção comunicacional popular, alternativa ou contra-hegemônica. Se os termos diferem, em comum há a compreensão do papel político da comunicação, que se mostra ainda mais determinante no momento atual, em que é parte da reconfiguração das relações sociais, em diversas instâncias.

A história da América Latina e do Brasil, em particular, é marcada pela intensa produção de diferentes formas de comunicação popular e alternativa. Desde o século XIX, o associativismo negro levou aos jornais discussões sobre as transformações e lutas sociais, caso do movimento abolicionista (Pinto, 2021). No período da Primeira República (1889-1930), segundo Ferreira (1988), foram criados pelo menos trezentos e quarenta e três jornais ligados ao movimento operário. No mesmo período, no Peru, José Carlos Mariátegui ajudava a fundar o primeiro periódico independente de esquerda do país, *La Razón*, que pretendia ser a “voz do povo”. Nas décadas seguintes, muitos jornais vinculados a partidos comunistas foram criados, contribuindo para sua articulação em âmbito internacional.

Estes são apenas alguns exemplos das lutas contra o silenciamento que ainda hoje persistem, fomentando também a reflexão crítica, o que marcou, apesar da presença do funcionalismo norte-americano, o próprio nascimento do campo da comunicação na América Latina. Na região, desde o último quartel do século XX, o tema da comunicação popular tem ocupado os debates acadêmicos. Em um contexto de imposição de regimes ditatoriais, apesar das restrições e perseguições, a comunicação também se tornou um campo de batalha. Exemplo retumbante disso, a Rádio Rebelde cubana foi utilizada para a propaganda da guerrilha revolucionária (Pasqualino, 2013). Jornais alternativos e rádios comunitárias cresceram ao longo dos anos 1970, inspirando a pesquisa acadêmica, que se debruçou de forma crítica sobre a relação entre mídia e política, denunciou o papel da mídia hegemônica e anunciou caminhos alternativos, muitas vezes trilhados conjuntamente por pesquisadoras, pesquisadores e militantes (Berger, 2001). No campo artístico, inúmeras foram também as iniciativas, entre as quais são célebres o CPC da UNE, o Teatro do Oprimido, o Teatro Oficina e assemelhados por todo o continente e por todo o mundo.

Presente como estratégia política no âmbito dos movimentos sociais – em especial, no movimento popular e no movimento sindical –, a comunicação popular, mais que um instrumento, tornou-se elemento constituinte das organizações políticas e de sua militância, aproximando-se, na prática, da ideia do jornal como organizador coletivo (Lenin, 1978). O papel da comunicação na libertação dos oprimidos era lido e vivenciado também a partir das discussões de Paulo Freire (1968) sobre a educação e a cultura. Isso influenciou desde o movimento estudantil aos setores da igreja progressista, os quais produziram meios de comunicação que se transformaram em verdadeiras “universidades populares” (Festa, 1986). A tradução de parte das obras de Antonio Gramsci naquele período fomentou discussões sobre a comunicação como parte da totalidade social, evitando o reducionismo de certa leitura da metáfora da base e da superestrutura, bem como questões sobre o papel dos intelectuais orgânicos (Gramsci, 1989), entre os quais jornalistas, dentro e fora dos meios tradicionais.

Essa diversidade de apreensões é reveladora também das disputas epistemológicas. Ainda que, na prática, os movimentos contestatórios a partir da comunicação, caso dos zapatistas, e lutas pela democratização da comunicação sigam travando a batalha da comunicação, parte dos estudiosos passou a enfatizar, acompanhando a deriva pós-moderna internacional, as mediações em um nível micro, reduzindo o próprio conceito que, na perspectiva da Economia Política da Comunicação (EPC) (Bolaño, 2015), é fundamental para a compreensão da forma-comunicação no capitalismo monopolista. Nos últimos anos, o entusiasmo com as possibilidades abertas pela internet e a perspectiva instrumental dominante refletiram-se em

estudos que, ainda que evidenciando o papel dos movimentos, acabam por reduzir a comunicação a um aparato neutro. A EPC, por sua vez, embora tenha buscado, desde sua conformação como subárea, o diálogo com os grupos, no campo da comunicação, ligados ao estudo da comunicação popular e alternativa, tem enfatizado, no Brasil, análises sobre a comunicação hegemônica, tornando insuficiente, ainda que importante, sua produção acerca da comunicação dos movimentos sociais e suas transformações.

Acreditamos que esse diálogo se faz ainda mais necessário no tempo presente, em que é evidente a confluência de crises política, econômica, social e ambiental - todas visíveis na tragédia que acometeu o Rio Grande do Sul, com cuja população nos solidarizamos. Como resposta dos de cima, o avanço da barbárie do sistema capitalista, legitimada e construída também a partir do sistema de comunicação. No Rio Grande do Sul e no Brasil, a mídia diuturnamente promove a ideia de que o "agro" é pop, tech e tudo, pavimentando o caminho da destruição, que se dá também pela afirmação da dinâmica neoliberal de retirada de direitos dos trabalhadores e das trabalhadoras. Como nova estrutura de mediação social, as plataformas digitais, por sua vez, favorecem as transformações sistêmicas, colaborando com a mercantilização da vida e com a dominação política, como as persistentes campanhas de desinformação não nos deixam olvidar.

O caso da Palestina é absolutamente revelador da crise e da violência brutal como resposta a ela, daí a importância das discussões trazidas, nesta edição, pela jornalista, pesquisadora e ativista Gizele Martins, que relaciona o genocídio naquela parte do mundo ao que ocorre nas favelas brasileiras e aprofunda a análise do papel da mídia nesses processos, bem como das formas datificadas de vigilância. Gizele foi o primeiro nome que pensamos para entrevistar nesta edição. Ao longo de sua preparação, ficou mais evidente a necessidade de enfrentar essa situação, pois temos visto manifestações crescentes de censura contra aquelas e aqueles que denunciam o genocídio palestino. Direitos à liberdade de expressão, de pensamento e de manifestação têm sido francamente atacados, inclusive em relação a intelectuais importantes como Nancy Fraser e Judith Butler. A mídia não passa incólume. Enquanto a tradicional segue sustentando o regime sionista, vimos Israel proibir a Al Jazeera, um dos poucos grupos aliados da causa palestina, e até mesmo a agência Associated Press. Aos montes, lemos também denúncias de censura por parte das plataformas digitais. Urge, portanto, construirmos alternativas a esse cenário, daí a importância de o pensamento crítico se encontrar, ainda mais, com a práxis da comunicação popular.

Nas últimas décadas, acompanhando tanto a diversificação dos movimentos quanto o desenvolvimento tecnológico, a comunicação popular foi se complexificando em termos de meios, formas, estruturas organizativas de produção e relação com diferentes projetos políticos, o que levou a uma diversificação de expressões utilizadas para nomear a produção voltada à construção de projetos alternativos ou contra-hegemônicos (Peruzzo, 1998). O Dossiê Temático "Comunicação popular e lutas sociais", coordenado por Lilian Saback (PUC-Rio), Helena Martins (UFC) e Manoel Dourado Bastos (UEL), apresenta esse legado e sua contemporaneidade. Os textos tratam da comunicação popular nos movimentos de pequenos agricultores, dos sem terra, quilombolas, indígenas, periféricos, bem como de sua elaboração a partir do pensamento anarquista. O dossiê apresenta também pesquisas sobre os desafios desse setor, como em torno da política de comunicação e da sustentabilidade dos meios comunitários. Enfrenta, ainda, o drama das violações contra comunicadores/as comunitários/as, apontando seus impactos para a democracia.

A presente edição traz ainda os textos "Algoritmos, mediações e recepção: desafios políticos e revisões necessárias em tempos de plataformização do consumo de audiovisual", de Danielle dos Santos Borges, e "Cidadanias comunicativas algorítmicas: os desafios do direito à comunicação nas plataformas digitais", de Ismar Capistrano. Ambos contribuem com discussões que evidenciam as contradições vivenciadas nas redes sociais, em que a dinâmica

interativa confere uma aparência democrática, ao passo que reforça a inserção da população, inclusive organizada, na dinâmica do capitalismo contemporâneo, uma dialética que precisa ser compreendida, se quisermos compreender suas consequências, além de análises instrumentais sobre os usos desses espaços.

Com isso, pretendemos dar continuidade aos esforços de ampliação das discussões sobre a comunicação popular ou contra-hegemônica que temos empreendido também desde a Revista EPTIC, como evidenciam outros dossiês publicados recentemente. É o caso de "A Economia Política da Informação, Comunicação e Cultura e o pensamento crítico nas margens: anti-colonialismo, imperialismo e luta de classe" e "Comunicação e marxismo: contribuições históricas, desafios do presente".

Boa leitura!

Bibliografia

BOLAÑO, César Ricardo Siqueira. **Campo aberto**: para a crítica da epistemologia da comunicação. Aracaju: Edise, 2015.

BERGER, Christa. Pesquisa em Comunicação na América Latina. In: HOHLFELDT, A., MARTINO, L. C., FRANÇA, V. **Teorias da Comunicação**: conceitos, escolas e tendências. Rio de Janeiro: Vozes, 2001, p. 241-277.

FERREIRA, Maria Nazareth. **Imprensa Operária no Brasil**. São Paulo: Ática - Série Princípios, 1988.

FESTA, Regina; SILVA, Carlos Eduardo Lins. **Comunicação Popular e Alternativa no Brasil**. São Paulo: Paulinas, 1986.

GRAMSCI, Antonio. **Os Intelectuais e a Organização da Cultura**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1989.

LENIN, Vladimir. **Que Fazer?** São Paulo: Hucitec, 1978.

PASQUALINO, Beatriz. Os 311 dias da Rádio Rebelde como Arma Guerrilheira em Cuba. **Revista Alterjor**, 8(2), 12-23, 2013.

PERUZZO, Cicília. **Comunicação nos movimentos populares**: a participação na construção da cidadania. Petrópolis: Vozes, 1998.

PINTO, Ana Flávia. Tintas negras nos escritos da liberdade. **Revista ABPN**, v. 13, p. 10-28, 2021.